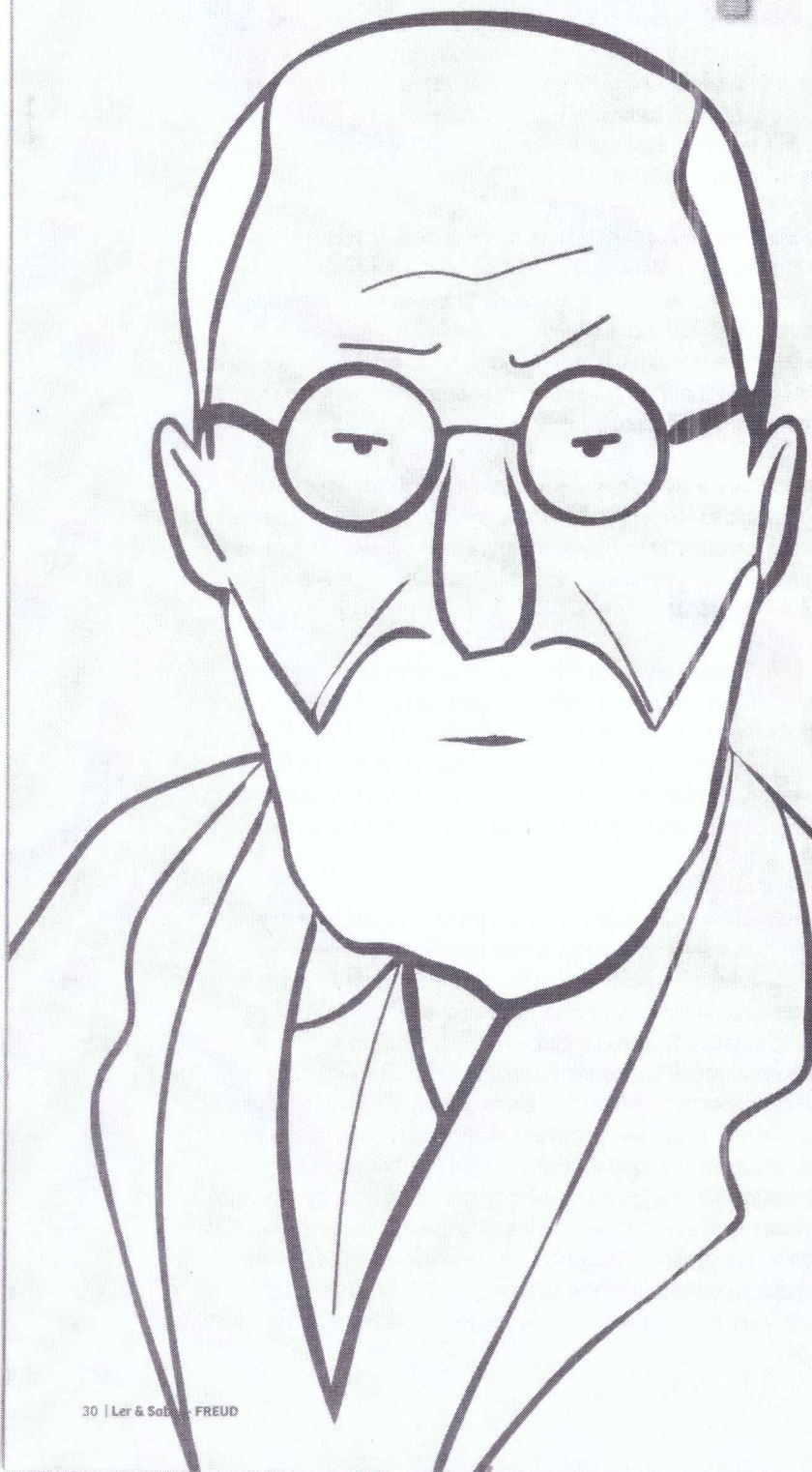


Freud no mundo contemporâneo



Depois de 77 anos da morte de Sigmund Freud, suas teorias ainda são seguidas, investigadas e criticadas pelos cientistas

TEXTO E ENTREVISTAS ÉRIKA ALFARO/COLABORADORA
DESIGN VANESSA SUEISHI

Freud explica ou não? Consciente, pré-consciente, inconsciente, sonhos, sexualidade, id, ego, superego, associação livre: o legado do austríaco é vasto. Entretanto, apesar de ter o nome consolidado como uma das personalidades mais marcantes e influentes da história da ciência, o valor de sua contribuição vem sendo cada vez mais contestado.

Se, por um lado, os psicanalistas continuam aplicando seus métodos e defendendo a realidade dos conceitos, por outro, há quem considere a obra de Freud apenas boa literatura – o médico, inclusive, já foi chamado de charlatão em algumas das críticas mais duras ao seu trabalho.

Por isso, para assumir uma posição, é necessário entender os argumentos e complicações dos dois lados.

Campo cercado por polêmicas

Frederick Crews, crítico de literatura inglesa e professor da Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, é o autor de alguns dos ataques mais rigorosos à psicanálise e a Freud. Em sua obra *Unauthorized Freud*:

Doubters Confront a Legend (Freud não autorizado: dúvidas confrontam uma lenda, em tradução livre), o americano afirma que “a psicanálise começou como um erro e cresceu até se tornar uma impostora”.

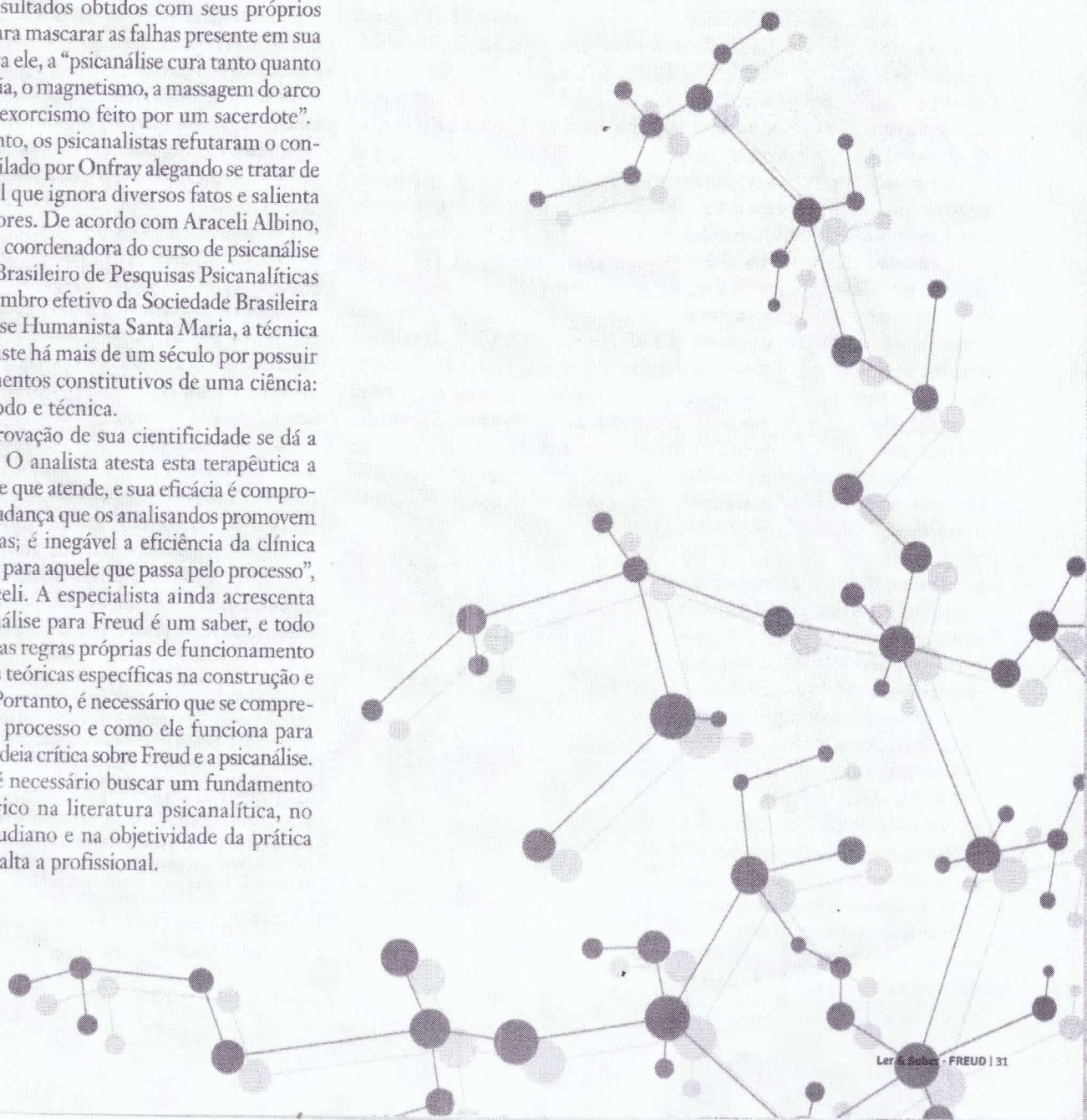
Mesmo caso do filósofo Michel Onfray, autor do livro *Le Crépuscule d'une idole, l'affabulation freudienne* (O Crepúsculo de um Ídolo, a Fábula Freudiana). Na publicação, o francês compara a psicanálise à religião pela cientificidade que julga faltar na composição da teoria freudiana. Segundo Onfray, o austríaco transformou suas experiências pessoais, instintos e necessidades fisiológicas em tese e tentou aplicar em todos os seres, acusando-o de charlatanismo e de mentir sobre os resultados obtidos com seus próprios pacientes para mascarar as falhas presente em sua técnica. Para ele, a “psicanálise cura tanto quanto a homeopatia, o magnetismo, a massagem do arco do pé ou o exorcismo feito por um sacerdote”.

No entanto, os psicanalistas refutaram o conteúdo compilado por Onfray alegando se tratar de um material que ignora diversos fatos e salienta meros rumores. De acordo com Araceli Albino, psicanalista, coordenadora do curso de psicanálise do Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas (NPP) e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise Humanista Santa Maria, a técnica de Freud existe há mais de um século por possuir os três elementos constitutivos de uma ciência: teoria, método e técnica.

“A comprovação de sua cientificidade se dá a cada sessão. O analista atesta esta terapêutica a cada paciente que atende, e sua eficácia é comprovada pela mudança que os analisandos promovem em suas vidas; é inegável a eficiência da clínica psicanalítica para aquele que passa pelo processo”, afirma Araceli. A especialista ainda acrescenta que a psicanálise para Freud é um saber, e todo saber tem suas regras próprias de funcionamento e referências teóricas específicas na construção e produção. “Portanto, é necessário que se compreenda todo o processo e como ele funciona para formar uma ideia crítica sobre Freud e a psicanálise. Para tanto, é necessário buscar um fundamento epistemológico na literatura psicanalítica, no discurso freudiano e na objetividade da prática clínica”, ressalta a profissional.

“A comprovação de sua cientificidade se dá a cada sessão. O analista atesta esta terapêutica a cada paciente que atende, e sua eficácia é comprovada pela mudança que os analisandos promovem em suas vidas; é inegável a eficiência da clínica psicanalítica para aquele que passa pelo processo”

Araceli Albino, psicanalista



TECNOLOGIA A FAVOR

Para quem pensa que os avanços tecnológicos surgiram apenas para refutar as teses elaboradas por Freud, o estudo publicado na revista científica *JAMA Psychiatry* prova o contrário. Pesquisadores da King's College, na Inglaterra, e da Universidade de Melbourne, na Austrália, concluíram que o estresse psicológico pode ser o fator causador de sintomas físicos sem origem fisiológica, tais quais convulsões e paralisia. Por meio de imagens oferecidas por ressonâncias magnéticas, os cientistas perceberam atividades cerebrais diferenciadas em analisados com lembranças traumáticas quando comparados com indivíduos sem esse tipo de memória, além da alteração do fluxo sanguíneo em determinadas partes do cérebro no momento em que o passado era trazido à conversa.

Imagem: Shutterstock.com

Psicanálise vs neurociência

As investigações científicas atuais contam com materiais tecnológicos para monitorar a atividade cerebral, recurso que ofereceu muitas respostas para a neurociência no que diz respeito ao funcionamento do órgão. Assim, esse ramo do conhecimento identificou lacunas na teoria psicanalítica, já que, segundo esta, os transtornos mentais são causados por traumas e desejos reprimidos e, hoje em dia, já ficou provado que existem distúrbios com motivações fisiológicas do cérebro – a depressão, por exemplo, tem como uma das causas os neurotransmissores. Além disso, há a crítica de que todos os questionamentos elaborados contra a psicanálise são rebatidos com o argumento de que a não aceitação do diagnóstico nada mais é do que a repressão de impulsos.

Mesmo assim, de acordo com o psicanalista Marco Aurélio de Carvalho Silva, Freud nunca abandonou a relação intrínseca entre o social, o psicológico e a biologia, referindo-se, em vários momentos na sua obra, aos acometimentos psíquicos em alguns pacientes como sendo constitucionais. Tal termo significaria, hoje em dia, o que chamaríamos de genético.

“O pai da psicanálise observava padrões de comportamentos originados em uma constituição psíquica, que ele acreditava ser uma tendência com a qual o sujeito nascera. Freud desenvolveu um projeto de neurologia no qual ele intuía que o aparelho psíquico visava à homeostase das excitações que viriam tanto de dentro, chamadas de endógenas, quanto de fora, denominadas exógenas”, explica Marco. Para o profissional,

ele estava certo de que algo era constitucional em alguns pacientes, ou seja, havia uma predisposição genética às neuroses.

Na sua obra *Projeto para uma Psicologia Científica*, escrito em 1895, o pai da psicanálise, cuja formação se deu em neurologia, estuda a possibilidade de uma tese para sistematizar a estrutura e o funcionamento da psique. Além disso, em uma época na qual não tinha ao seu dispor quaisquer aparatos que possibilitassem testes e investigações aprofundadas, aventurou-se em uma teoria que citou a movimentação de energia entre neurônios, conceito que conhecemos hoje como sinapse.

Outra divergência entre essas duas esferas do saber são os sonhos. Sob o ponto de vista de Freud, as cenas que passam por nossas mentes enquanto estamos dormindo são, basicamente, manifestações de desejos reprimidos no inconsciente. Já a neurociência afirma se tratar de uma espécie de ferramenta de organização e assimilação dos acontecimentos do dia – separando as informações que serão apagadas do cérebro daquelas destinadas à memória de longo prazo.

No entanto, Ana Celina Pires de Campos Guimarães, psicanalista e professora das disciplinas de psicopatologia e teoria da técnica psicanalítica, destaca que, apesar da ênfase mais cognitiva-comportamental em muitos estudos da neurociência, a psicanálise também transita e dialoga com a neurociência, inclusive na sua criação, visto que Freud era um neurologista.

“O dogmatismo, no qual uma abordagem é correta e outra não, sempre é limitante e lamentável quando buscamos maior entendimento sobre o ser humano. A crítica construtiva gera diálogo e crescimento para os diversos saberes, e sempre são bem-vindas. Logo, a dicotomia empobrece e a integração dos saberes amplia o conhecimento”, ressalva Ana Celina.

CONSULTORIAS Ana Celina Pires de Campos Guimarães, psicóloga clínica, especialista em saúde mental e professora das disciplinas de psicopatologia e teoria da técnica psicanalítica na Universidade do Sagrado Coração, em Bauru (SP); Araceli Albino, psicanalista, coordenadora do curso de psicanálise do Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas (NPP), em São Paulo (SP), e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise Humanista Santa Maria; Marco Aurélio de Carvalho Silva, psicólogo com especializações em teoria e clínica psicanalítica, saúde mental, filosofia moderna e contemporânea e mestrado em psicanálise.